

# O gênero, a religião e a morte em A Filha das Flores, de Vanessa da Mata

Gender, religion and death in A Filha das Flores, by Vanessa da Mata

Venerson Cardoso Capuano Fontellas

Como citar esse artigo. FONTELLAS, V. C. C. O gênero, a religião e a morte em A Filha das Flores, de Vanessa da Mata. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 16, n. 3, p. 265-276, set./dez. 2025.



## Resumo

A obra *A filha das flores* (2013), de Vanessa da Mata, aborda diversas temáticas sensíveis em torno da figura feminina da protagonista e narradora Giza, tais como seu amadurecimento e sua relação com seus próprios sentimentos em um ambiente que ora lhe pertence ora não, o que resulta em reflexões também em torno da religião e da morte. A religião é apresentada em um contexto sincretista que não à toa se mistura à temática da morte. Sobre isso, parece-nos impossível não perceber como gênero, religião e morte se relacionam numa perspectiva existencialista (Sartre, 2014). Posto isso, esta pesquisa é bibliográfica e exploratória, pelo prisma qualitativo, uma vez que pretendemos, quanto possível, analisar de qual forma a narradora tece reflexões em torno das temáticas apresentadas. No mais, tal objetivo tem a pretensão de, não apenas discutir como a obra aborda as temáticas elencadas, mas também de como este processo é verificável na bibliografia especializada.

**Palavras-chave:** Vanessa da Mata, A filha das flores; Existencialismo.

## Abstract

**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

*A filha das flores* (2013), by Vanessa da Mata, addresses several sensitive themes surrounding the female figure of the protagonist and narrator, Giza, such as her maturation and her relationship with her own feelings in an environment that is both hers and not hers, resulting in reflections also around religion and death. Religion is presented in a syncretic context that is not coincidentally mixed with the theme of death. About this, it seems impossible not to notice how gender, religion, and death relate in an existentialist perspective (Sartre, 2014). Given this, this research is bibliographic and exploratory, from a qualitative perspective, since we intend, as much as possible, to analyze in what way the narrator weaves reflections around the presented themes. Moreover, this objective has the pretension of not only discussing how the work addresses the listed themes but also how this process is verifiable in the specialized bibliography.

**Keywords:** Vanessa da Mata, A filha das flores; Existentialism.

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Doutorando em Letras (Literatura Portuguesa) pela USP, possui mestrado em Letras (Literatura Portuguesa) pela USP (2023), graduação em Pedagogia pela Unesp (2019) e graduação em Letras pelo UniSant'Anna (2015). Tem experiência na área de Letras, com ênfase no ensino-aprendizagem de Literatura.

E-mail de correspondência: venerson.fontellas@gmail.com

Recebido em: 21/12/2024. Aceito em: 11/09/2025.

O processo é este: existem figuras que têm o charme de surgir do nada para falarem do mundo misterioso fora da realidade, para de longe a iluminarem duma outra forma, e lhe darem o sentido de que carece como nos sonhos mas essas figuras afinal têm os pés mergulhado no real, foram baptizados[sic] pela vida antes de terem nascido. (Jorge, Lúcia. Para um leitor ignorado: ensaios sobre *O Vale da Paixão e outras ficções* de Lúcia Jorge. In: Ferreira, Ana Paula (Org.) Portugal: Textos Editores, p. 41-42 *apud* Faria, 2023, p. 14).

## Introdução

Não é novidade que artistas possam transitar por mais de uma linguagem da arte, não é incomum, por exemplo, ver cantores que também atuam em filmes e novelas; como também atores que cantam, pintam ou fotografam. Algumas linguagens se comunicam e interagem a ponto de facilitar a utilização uma da outra, como é o caso daqueles que dominam a poesia, que sabendo fazer uso da palavra dão lugar a histórias na música, no poema, no texto teatral e, por fim, nos muitos gêneros narrativos.

É evidente que cada gênero, mesmo aqueles que partem da matéria prima “palavra”, tenha sua especificidade. Por isso, não pretendemos colocá-los num mesmo bojo, mas é inegável que possa haver relações e “conexões” entre eles (Daflon, 2013, p. 94-96). Mesmo porque, “afinal a materialidade da palavra inclui também sua natureza fônica. Palavra é som” (Daflon, 2013, p. 105). No mais, destacamos o eu lírico no poema metalinguístico *Motivo*, de Cecília Meireles que evidencia a relação entre “cantar” e ser “poeta”:

Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.

(Meireles, 2001).

Chico Buarque é um exemplo de artista que usa com maestria a palavra na música, bem como em seus romances. Mas não só, Vanessa da Mata, cantora, compositora e recentemente estreada como atriz no musical *Clara Nunes – a tal guerreira*, é também escritora do romance *A filha das flores* (2013) e sinaliza com afinco como é possível ser, com qualidade, uma artista multifacetada que não encanta apenas cantando músicas quer compostas por si ou por outros artistas, mas que com qualidades literárias e sensibilidade entrega ao público uma obra ímpar. Sobre o fato de Vanessa da Mata ser cantora e, posteriormente, escritora, José Eduardo Agualusa destaca na contracapa de *A filha das flores*: “Esta novíssima escritora vem da música, e isso se percebe, aqui e ali, pela atenção ao ritmo e à melodia das frases”.

Posto isso, peço licença para o uso breve da primeira pessoa, começo por pedir perdão à artista por mim e por uma crítica acadêmica que talvez não tenha dado ainda ao livro a devida atenção que merece. Quanto a mim, porque ganhei o livro em meados do seu lançamento e dentre as inúmeras leituras que faz um estudante de Letras, tal como na época, o romance só foi lido em 2024. Quanto à crítica, porque não foram encontrados muitos trabalhos acadêmicos em torno da obra, com exceção de uma comunicação de Medeiros (2015) na II Jornada de Gênero e Literatura.

No mais, é importante ressaltar que consideramos o livro, assim como a língua e a linguagem, um objeto vivo e dinâmico, que permite o encruzamento de ideias entre narrador e leitor e, por isso, as interpretações a que fazemos são chaves de leituras possíveis, que, evidentemente, são seguidas da bibliografia especializada em torno das temáticas analisadas. Em decorrência disso, destacamos considerações a respeito do processo de leitura e de interlocução e, sobretudo, do livro:

O livro é um objeto de comunicação que contém um projeto discursivo construído por diferentes agentes, e que alcança o intuito de sua criação por meio da interação com o leitor, durante a experiência literária e o ato de leitura, sendo capaz de propiciar movimentos e transformações nos sujeitos leitores, que dão vida ao objeto-livro e por meio dele ressignificam suas próprias vidas. Essa existência do livro, permeada pelas subjetividades que o constroem e sustentam em seus mais diversos aspectos, leva à indagação acerca de quantas vozes fazem parte da construção do objeto-livro e oferecem o tom de sua leitura [...] (Lacerda, 2016, p. 3).

O presente artigo, pretendeu, o tanto quanto possível, dar luz a algumas das temáticas contempladas em *A filha das flores* (2013), tal como o gênero, a morte e a religião, os quais pressupomos se relacionarem pelas perspectivas humanista e existencialista de Sartre (2014). Por isso, as discussões suscitadas são bibliográficas e exploratórias (Gil, 2002), de cunho qualitativo, uma vez que pretendemos evidenciar aspectos da narrativa que, em não sendo percebidos em primeira análise, podem ser verificados no campo da pesquisa (Durão, 2020).

## O gênero

Durante a leitura, algumas temáticas nos saltam aos olhos: a questão do feminino, assim como destaca Medeiros (2015), é articulada do começo ao fim da obra. Mas, antes, é preciso dar luz ao fato de *A filha das flores* ser um romance de autoria feminina, uma vez que, mesmo que perpassasse diferentes temáticas, a obra evidencia o olhar do feminino também sobre o feminino. Sobre isso, destacamos a importância de uma produção literária feita por mulheres, que vai na contramão do que historicamente vem sendo construído, como ressalta a professora Alleid Ribeiro Machado:

A gênese da literatura (ocidental) e, conseqüentemente, a construção canônica da crítica literária, de uma forma geral, sempre carregaram consigo as marcas das vozes masculinas, pois aos homens sempre foram destinadas a intelectualidade, o pensar, o conhecer. No que se refere às mulheres, também aos homens coube à responsabilidade de construir-lhe imagens (Machado, 2012, p. 46).

Em *A filha das flores*, a protagonista Giza, cujo nome de batismo é Adalgiza, é uma personagem que convive com uma família predominantemente feminina, cujos laços familiares vão sendo melhor explicitados ao longo da narrativa. Além disso, há a presença de outras personagens femininas que contribuem para a construção do enredo e para as reflexões que ultrapassam o âmbito ficcional.

A obra também apresenta reflexões que extrapolam o universo da história, como evidenciam as falas de Giza: “Os homens são sempre tão pequeninos, choram e tremem quando se machucam – são frágeis. A mulher sempre cuida de mais um.” (Mata, 2013, p. 97). Em outro momento, ela afirma: “O senhor deveria começar dizer isso na igreja, vai deixar muitas mulheres mais confortáveis com a sua natureza. Deveria dizer que as mulheres teriam Maria como deusa, e os homens também, porque foram paridos por mulheres. Sem elas, nem teriam existido.” (Mata, 2013, p. 171).

Giza é a filha das flores (assim como evidencia o título da obra), pois sua família é proprietária de uma floricultura. A personagem, que atua como protagonista e narradora, vive em uma vila pequena e ainda não conhece bem a si mesma. Às vezes, consegue identificar o que sente, mas tem a sensação de não pertencer completamente ao lugar onde vive ou mesmo à sua própria família:

Apercebe-se na conduta de idas e vindas comportamentais com as pessoas, nos romances e nos simbolismos da cidadezinha rural, que Giza eleva-se pouco a pouco em sua descoberta existencial a um nível de entendimento das flores como não apenas elemento de podas, ramalhetes e entregas a clientes, mas a própria constatação mesma de que se sua gênese está nas flores: é das flores que ela se conecta com a realidade (Medeiros, 2015, p. 225).

A personagem é repleta de nuances e surpresas. Não à toa que a obra aborda seu amadurecimento, bem como suas transformações a partir dos estágios da vida que transcorrem durante a narrativa, seguindo uma lógica tipicamente dos *romances de formação*. Nesse sentido, é possível observar o olhar da Giza criança, adolescente, jovem e, por fim, mulher. No primeiro capítulo, a protagonista narra episódios da infância, por exemplo:

Tínhamos deliciosas alternativas para sermos felizes. Não dependíamos de luxos ou de outros instrumentos mais difíceis do que as nossas *danuras*. Enquanto os meninos de cidades grandes brincavam com legos, nós tínhamos as formigas, o dia recomeçando, tudo de novo e de novo, e era tão bom. Os carinhos da vida paravam lá. Era como um represar de acontecimentos maravilhosos. Não que as coisas maléficas não nos atingissem, não é isso, mas elas não se demoravam, apenas passavam, como o vento do norte ou as araras. Não nos pertenciam (Mata, 2013. p. 14).

O amadurecimento de Giza também pode ser percebido pelas mudanças em seu corpo, que passa de uma forma infantil para uma de mulher. Essas transformações refletem, também, uma evolução na sua identidade. Ela passa de uma consciência mais inocente sobre si mesma para uma mais madura. Seus desejos evoluem, indo dos desejos infantis aos desejos de mulher, incluindo o desejo pelo outro, o que acaba levando a episódios de sexo e de masturbação da protagonista. Sobre essas transformações do corpo e de si mesma, a protagonista narra:

Fui em frente e comecei a sentir meu corpo, aí entendi. Rebolei, como se esse andar fosse um prazer dos maiores, roçando as coxas e as nádegas uma com a outra, na total interligação das minhas diferentes partes, bandas, lados do meu corpo – antes sempre separados ou adormecidos. As minhas partes existiam apenas quando eu as olhava, as lavava ou quando me machucava. Agora eu as tinha, eram a minha casa, uma casa onde eu gostava de estar, e por lá ficava, como se ela fosse a melhor (Mata, 2013, p. 131).

Ainda em se tratando do amadurecimento da personagem, a protagonista nos leva a refletir sobre conceitos de Humanismo e Existencialismo presentes na narrativa. É importante considerar que ela está constantemente questionando sua condição de sujeito, o que fica evidente pelos sentimentos que ela demonstra ao longo da história. Ou seja, seu amadurecimento e sua identidade estão sendo construídos, de forma contínua, ao longo do tempo narrativo. Diante disso, é difícil não discutir a condição de Giza como alguém que ainda não se conhece completamente, já que ela vive um desejo de ser e de pertencer, que ressoa num existencialismo que permeia toda a obra.

Não distante disso, a relação conflituosa entre Giza e suas tias, Margarida e Florinda, merece atenção. Inicialmente, a protagonista não entende o motivo desse conflito, mas depois passa a buscar respostas, o que gera uma série de eventos na trama. Esse conflito está relacionado aos fatos lendários envolvendo a cidade onde Giza mora, que é o cenário da história. A mãe de Giza, como fica esclarecido no final do texto, foi considerada responsável por uma série de mortes no passado da cidade. Essa informação é escondida de Giza, mas ela acaba descobrindo por si mesma ao longo da narrativa.

Sobre a relação conflituosa entre Giza e suas tias, destacamos o diálogo entre Giza e Tito, uma

personagem pela qual ela desenvolve um interesse amoroso: “Elas eram afáveis, tínhamos segredos e muito amor umas pelas outras. Foi alguma coisa muito grave e eu não posso fazer nada sem saber do assunto, fico angustiada, mas ao mesmo tempo não tenho culpa, nunca fiz mal a uma mosca” (Mata, 2013, p. 187).

A relação negativa entre as personagens fica evidente em diversos momentos da narrativa, especialmente nas queixas de Giza em relação ao tratamento que suas tias lhe dispensam. Esse tratamento é confirmado tanto nos diálogos entre as tias quanto nas conversas entre elas e Giza, que frequentemente apresentam um tom grosseiro ou irônico. Essas interações revelam um ambiente de hostilidade e desrespeito, contribuindo para a construção do conflito emocional da protagonista.

Nesse contexto, podemos relacionar essa situação ao Existencialismo de Sartre (2014). Se Giza é maltratada pelo passado envolvendo sua mãe e seu nascimento, há uma certa influência de Determinismo biológico nisso, o que, em tese, contraria as ideias do filósofo. Sartre destaca duas máximas importantes: a primeira é que “a existência precede a essência”, e a segunda é que “o homem está condenado a ser livre”. Essas ideias ressaltam a liberdade individual e a responsabilidade de cada um na construção de sua própria existência, o que contrasta com a sensação de destino imposto pelo passado na história de Giza.

A obra de Vanessa da Mata aborda o amadurecimento da personagem, que, ao tomar consciência de si mesma - ou melhor, ao começar a se conhecer - passa a entender a importância de conhecer sua própria história como um preâmbulo para sua existência no mundo. Ou seja, não basta para sua vida a história que lhe contam ou que lhe escondem; é fundamental que ela conheça a si mesma. Nesse sentido, apoiando-se em Sartre, nada pode determinar quem Giza é de fato. Por isso, é ao longo do processo de descoberta de seu passado que Giza realmente se conhece, vivencia e experimenta escolhas que estão enraizadas em sua liberdade intrínseca.

Não obstante, é importante, também, destacar que, para Sartre (2014), o Existencialismo é um Humanismo, uma vez que o ser humano é um todo completo e subjetivo:

o humanismo, que é, no fundo, o seguinte: o homem está constantemente fora de si mesmo; é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz com que o homem exista; por outro lado, é perseguindo objetivos transcendentais que ele pode existir; sendo o homem essa superação e não se apoderando dos objetos senão em relação a ela, ele se situa no âmago, no centro dessa superação. Não existe outro universo além do universo humano, o universo da subjetividade humana (Sartre, 2014, n.p).

Assim, como o ser humano é um todo subjetivo, ele nasce humano e precisa aprender a existir no mundo; ou seja, precisa aprender a usar sua liberdade na busca de objetivos. Portanto, sendo Giza uma pessoa humana, ela só passa a existir de fato à medida que se conhece. Isso só é possível, no contexto de *A filha das flores*, quando ela percebe que os acontecimentos religiosos ao seu redor também estão ligados à sua própria história.

## A religião

A temática religiosa também está bastante presente em *A filha das flores* e se relaciona com a questão do feminino. Isso porque há uma deusa, que é referida tanto como Rainha quanto como Yade, e que é temida na cidade de Giza. Nesse aspecto, destaca-se a questão da divindade feminina, especialmente considerando o contexto de produção da obra, uma vez que a autora vive em uma sociedade marcada por desigualdades, sobretudo de gênero.

Não muito distante, Moacyr Scliar, em *A mulher que escreveu a Bíblia*, utiliza uma abordagem semelhante de subversão ao questionar a figura masculina de Deus: “Por que Deus e não Deusa?”. Além disso, a personagem continua com questionamentos que envolvem o campo da liberdade religiosa: “Por



que Jeová e não Astarté, a divindade que outros povos da região veneravam? (Scliar, 2007, p. 94)". É importante destacar que cada texto possui um contexto específico, mas é interessante notar que os autores, de forma literária, abordam temáticas reflexivo-filosóficas que fazem parte do universo subjetivo-humano.

No mais, a escolha por uma deusa é, em si, carregada de discurso, uma vez que o texto literário dialoga com a realidade; ou seja, a ficção dialogando com o contexto de produção. No tocante a isso, recuperamos as interpretações de Fiorin a respeito de Bakhtin:

Em síntese, em Bakhtin, a História não é algo exterior ao discurso, mas é interior a ele, pois o sentido é histórico. Por isso, para perceber o sentido, é preciso situar o enunciado no diálogo com outros enunciados e apreender os confrontos sêmicos que geram os sentidos. Enfim, é preciso captar o dialogismo que o permeia. (Fiorin, 2006, p. 191-192).

A questão religiosa também parece estar relacionada à literatura fantástica, pois traz elementos que vão além da verossimilhança. Por exemplo, os episódios em que há contato com a deusa, como a morte de uma personagem chamada Salada, ou os encontros que acontecem em um templo descoberto nos fundos da casa de Giza. Quanto à literatura fantástica, vale destacar os apontamentos de Gama-Khalil, que não a considera um gênero propriamente dito, mas um modo de expressão. Ou seja, *A filha das flores* não é necessariamente uma obra de literatura fantástica, mas pode apresentar episódios que se encaixam nesse universo que

se abre como uma fantasia que projeta enigmas, os quais clamam não por uma decifração, porém por decifrações, porque a ordem dessa literatura é a da abertura, da falta de limites não só de evocar o que não existe no solo em que pisamos, mas também de abrir-se como um cristal para suscitar outros tons para enxergarmos o real (Gama-Khalil, 2012, p. 30).

Além disso, é possível relacionar a questão da religião a conceitos ligados ao termo lenda, uma vez que existe no livro o processo de santificação de uma personagem que fora outrora "real", tal como a figura da deusa que depois é revelada como a mãe falecida de Giza. Sobre lenda destacamos:

[...] história ou tradição oriunda de tempos imemoriais e popularmente aceita como verdade. É aplicada hodiernamente a histórias fantasiosas ligadas a pessoas verdadeiras, acontecimentos ou lugares. [...] Lenda e mito são relacionados, mas a lenda tem menos a ver com o sobrenatural. A lenda frequentemente diz respeito a personagens famosas, populares, revolucionárias, santas, que vivem na imaginação popular. (Ceia, *E-Dicionário de termos literários* apud Corradin, 2018, p. 108).

Ademais, a obra aborda o sincretismo religioso, pois, embora destaque uma deusa, também apresenta traços do Cristianismo, mais especificamente do Catolicismo. Isso fica evidente na presença de uma personagem chamada Padre Carlos, além de referências a uma santa, como Nossa Senhora: "Nossa senhora borda o maior céu para nós" (Mata, 2013, p. 13). Há também referências bíblicas, como a figura de Eva: "O fruto proibido era uma maçã?! Só se Eva não conhecia a manga!" (Mata, 2013, p. 14).

Além dessas questões religiosas, a obra traz reflexões existenciais que pairam sobre Giza, levando-a a se referir a Deus. Por exemplo, ela pensa: "Que bom que Deus parou de nos ouvir havia muito tempo, ou talvez ele tenha ouvido, mas não nos levou a sério" (Mata, 2013, p. 184). Também há momentos em que ela reflete sobre a confissão católica e observa que "as pessoas usam Deus" (Mata, 2013, p. 243).

O nome da deusa, Rainha, também pode ser interpretado de diferentes formas. Por um lado, a palavra nos remete a Nossa Senhora, Mãe Rainha. Por outro, as considerações de Major, personagem da obra, chamam atenção: “Representa o feminino e a fertilidade, mas, como é formada por energias, é maior que todas as fêmeas, e o masculino fica a seus pés” (Mata, 2013, p. 104-105). Dentre as figuras míticas às quais poderíamos associá-la, destacam-se três: Afrodite, deusa grega do amor e da fertilidade; Nimba, deusa da fertilidade na África Central; e Oxum, presente nas religiões de matriz africana no Brasil.

Pressupomos que as influências de Nimba e, principalmente, de Oxum sejam mais prováveis. A primeira, porque Nimba é celebrada em cerimônias de dança, relacionando-se às festas apresentadas em *A filha das flores* para cultuar a Rainha em Vila Morena, onde Giza conhece Juliana, Salada e Major. A segunda, pois Oxum é cultuada com flores amarelas, o que chama atenção por dois motivos: 1. em Vila Morena, Giza é apelidada de Flor de Laranjeira (uma flor branca com o centro, carpelo ou pistilo, amarelo), o que remete à semelhança com Oxum. Além disso, a trama revela que Giza é filha biológica da deusa, Rainha, entidade que já foi uma pessoa humana e 2. em um episódio em que Giza participa de uma festa, observa que “havia flores em todas as casas” (Mata, 2013, p. 105).

A despeito disso, o outro nome designado para chamar a deusa, Yade, também chama atenção por começar com a mesma letra de uma das variações de Yemanjá (Iemanjá), em iorubá *Yêyé omo ejá*. Essa figura também está ligada às religiões de matriz africana e é considerada “mãe de todos” e “deusa do mar”. Além disso, é celebrada em cultos livres, muitas vezes em praias ou em locais fechados, onde, assim como Oxum, há a presença de flores.

Em um dos capítulos em que Giza participa de uma festa, ela vê mensagens dirigidas à Rainha, como: “Deus salve a Senhora. Obrigada pela volta, nós rogamos a Sua luz, salve Rainha Deusa, nós A felicitamos” (Mata, 2013, p. 107). Isso, em suma, reforça o caráter religioso da cena, já que o texto se assemelha a uma oração ou reza.

Por fim, retornamos à questão do sincretismo, especialmente porque a personagem Juliana afirma: “A rainha, a deusa e a força elíptica deste planeta, é a junção de várias energias positivas e férteis” (Mata, 2013, p. 109).

Não podemos deixar de apontar que o sincretismo nacional está ligado aos processos de colonização do Brasil, haja vista que as pessoas que foram escravizadas, vindas de África, foram catequisadas e, tiveram de associar personagens religiosos de diferentes lugares de África à personagens católicos para fazerem sobreviver traços de suas religiões. Nesse processo, parece evidente, que muitas características foram perdidas.

Assim, destacamos que o sincretismo evidenciado em *A filha das flores* é parte das influências do contexto de produção do qual a autora, Vanessa da Mata, faz parte. Isso quer dizer que, de forma intencional ou não, a autora parte de traços da cultura brasileira para a criação de sua narrativa. Fontellas e Fontellas (2024), ao discorrerem sobre o conceito de cultura apontam:

A palavra “cultura” abarca uma infinidade de significados, visto que ela está integrada à forma como os grupos sociais humanos se organizam e desenvolvem padrões coletivos. Grosso modo, as diferentes ações humanas retomam, mesmo que sem intenção, os conceitos de cultura. Ou seja, ler é uma forma de mergulhar na cultura, comer é uma expressão cultural, falar é participar da cultura etc. (Fontellas; Fontellas, 2024, n.p).

Assim, no tocante a religião em *A filha das flores* é impossível também não voltar a tratar do discurso em torno de gênero, principalmente pelas figuras religiosas quer sejam cristãs quer sejam de influência africana abordadas na obra. Relacionando-se à essas temáticas, está também a “figura” da morte que parece convergir numa mesma dimensão reflexivo-existencialista.

## A morte

Como se vem observando, Giza e sua família trabalham com flores que são vendidas para diferentes fins, tal como eventos envolvendo a morte: velórios, por exemplo. A morte é tratada em diferentes momentos da narrativa e não apenas a respeito de um episódio isolado, muito embora a cidade na qual vive a protagonista seja cercada de mistérios lendários em torno de um evento específico, que ocasionou a morte de muitos habitantes no passado.

Esse acontecimento é um tema que desperta a curiosidade de Giza, que deseja descobrir o motivo por trás desses episódios. No entanto, essa história também é mantida em segredo pelos moradores, especialmente por suas tias, e só é revelada no desfecho da narrativa. Quanto ao tema, Jaime Ginzburg, no ensaio *a Estética da morte*, tece argumentativamente reflexões a respeito da morte na literatura brasileira:

Uma das tendências, na literatura brasileira recente, de manifestação de estética da morte consiste em articular problemas que estão no campo do limite, do extremo ou do indizível. Frequentemente, esses problemas são desenvolvidos em torno de movimentos de constituição subjetiva não linear e não totalizante. A acentuação do componente processual da constituição do sujeito, pautado por sujeição permanente à mudança e à indeterminação, é conduzida por escritores a pontos agônicos (Ginzburg, 2011, p. 53).

Tais apontamentos são percebidos em *A filha das flores*, haja vista que em vários momentos da narrativa a morte ganha especial atenção, quer seja a morte física, fisiológica quer seja a morte metafórica, quase que espiritual. Tanto uma como a outra estão postas no texto para fazer pensar a subjetividade das personagens.

Os diálogos com diferentes personagens reforçam a presença da morte em *A filha das flores*. Por exemplo, quando o bêbado, um personagem inconveniente para Giza, mas cheio de mistérios e que parece conhecer seu passado, afirma: “Mas, minha senhora, rosas são fáceis de morrer, têm vida curta, as pessoas não” (Mata, 2013, p. 118). Ou ainda, quando Giza, adoecida, conversa com o Padre Carlos, ela diz: “Que é isso, padre. Ainda não estou em vias de morte, ainda demoro. Já o senhor, com aquelas estátuas agourando e chamando a morte, duvido...” (Mata, 2013, p. 168).

Além de abordar a temática da morte, esses diálogos também tratam de questões relacionadas à religião. Isso porque Giza, em vários momentos, questiona a figura dos santos católicos, demonstrando um incômodo com o paradoxo entre a divindade santa e as estátuas. Semelhantemente faz Socorro Acioli em *A cabeça do santo* (2014), quando o protagonista assevera: “Santos são pedras e só pedras (Acioli, 2014, p.48) ”.

A respeito da morte metafórica, é possível verificar questões também em torno do existencialismo, o famoso “ser ou não ser” shakespeariano, haja vista que há questionamentos em torno dos sentimentos humanos, ou seja, sua subjetividade, tais como o medo, como é verificável na construção: “O medo e o desejo andam juntos” (Mata, 2013, p. 51).

No mais, Giza, ao conhecer a vila vizinha, Vila Morena, que também é repleta de imagens que misturam lendas e religião, descobre que sua mãe é a tal deusa (Rainha e/ou Yade). É importante destacar que, na sua vila, essa deusa que vimos tratando era demonizada, enquanto em Vila Morena ela era adorada. Isso nos leva a refletir sobre o contexto religioso da narrativa: se a mãe de Giza é celebrada após a sua morte, há um forte caráter religioso nisso, que pode estar ligado ao catolicismo, mas também a outras religiões de matriz africana, que valorizam a ancestralidade, por exemplo.

Por fim, ainda se comprova a presença da morte em *A filha das flores* pelo vasto vocabulário em torno do assunto, por exemplo: morte, mórbido, defunto, cemitério, fantasma, luto e órfão.



## Pontos de encontro

A respeito dos temas que vimos discutindo, recuperamos uma canção também de Vanessa da Mata, *Não me deixe só* (2003) em que o eu lírico parece convergir com o narrador de Mata (2013), uma vez que os temas se relacionam na prosa e na poesia, como é possível verificar:

Não me deixe só  
Eu tenho medo do escuro  
Eu tenho medo do inseguro  
Dos fantasmas da minha voz

Não me deixe só  
Que o meu destino é raro  
Eu não preciso que seja caro  
Quero gosto sincero de amor

Fique mais  
Que eu gostei de ter você  
Não vou mais querer ninguém  
Agora que sei quem me faz bem

Não me deixe só  
Que eu saio na capoeira  
Sou perigosa, sou macumbeira  
Eu sou de paz, eu sou do bem, mas  
(Mata, 2003).

Como se pode observar, há a presença de vocabulário semelhante como “medo” e “fantasma” associados ao existencialismo humano. A palavra “morte” não ganha espaço na canção, mesmo assim, o eu lírico evidencia o “medo do inseguro”, sendo a morte a única certeza da vida, haja vista suas finitude e efemeridade, a temática se assemelha em ambos os textos.

Ademais, a questão do desejo e do amor está presente em ambas. Assim como o eu lírico em Mata (2003) evidencia querer um alguém que lhe faz bem, em Mata (2013) há a presença também de uma personagem, Tito, que é desejada por Giza e que, entre alguns conflitos, acabam ficando juntos.

A temática religiosa também é tratada em ambos textos, uma vez que Mata (2003) evidencia traços de religião de matriz africana: “sou macumbeira”, tal como alguns dos traços religiosos a que vimos defendendo em Mata (2013).

Não menos importante, assim como Giza, primeiro menina, depois mulher, vai construindo sua história, demarcando seu lugar no mundo; o eu lírico na música mostra-se como alguém que além de saber o que quer, sabe se defender. Prova disso é saber “quem te faz bem” e a afirmação “eu sou da paz, eu sou do bem”, seguida da conjunção coordenativa adversativa “mas”, o que mostra para o interlocutor a força de se defender, se preciso for, do eu lírico.

Ademais, o verso “Que o meu destino é raro” chama atenção. De acordo com o dicionário *online* Michaelis<sup>1</sup>, o adjetivo “raro” significa: “1 Não encontrado facilmente; esquisito; 2 Que poucas vezes

1 O dicionário pode ser acessado através do link: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/raro/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

acontece; 3 Pouco abundante, pouco numeroso e 4 Cujo talento é observado em poucos indivíduos”. Assim, os significados encontrados dão luz a um destino do eu lírico que se faça excepcional, mas também incerto.

Isso leva-nos novamente a subjetividade humana e, tão logo, ao existencialismo humano. Sobre isso, é preciso notar que o eu lírico, ao usar o adjetivo “raro”, não propõe certezas a respeito da vida, mas também não se coloca em um lugar de não responsabilidade sobre ela, assim, mesmo a vida sendo incerta, se coloca positivamente no mundo e aspirando um futuro agradável: “Eu não preciso que seja caro”. O que ocorre de forma igual em *A filha das flores*, evidentemente que a partir do momento em que a narradora tem consciência de si, ou seja, de sua existência.

## Considerações finais

A obra *A filha das flores* (2013) é uma narrativa rica e profunda que aborda temas universais como gênero, religião, morte e, conseqüentemente, a busca pela identidade. A história de Giza, a filha das flores, revela que o processo de autoconhecimento muitas vezes exige enfrentar dores e dificuldades, especialmente quando sua história é negada ou desconhecida.

As temáticas abordadas em *A filha das flores* estão, proporcionalmente, em sintonia com o contexto de produção da autora, Vanessa da Mata. Não é à toa que a questão de gênero é tão presente no texto, por exemplo. Além disso, há uma forte presença do sincretismo religioso, que evidencia a relação entre o catolicismo e as religiões de matriz africana, influenciadas pela colonização do Brasil. A morte, por outro lado, está relacionada às questões subjetivas humanas, mas também ocupa um lugar importante na história, especialmente pelas mortes que ocorreram no passado da cidade.

Para nossa análise, adotamos a perspectiva filosófica de Sartre, o Existencialismo. Essa abordagem, ao contrário do determinismo, afirma que a identidade do sujeito é construída a partir de diversos fatores. Ou seja, primeiro é preciso existir, ter consciência de sua existência, para então poder formar sua essência. Nesse sentido, em *A filha das flores*, é somente ao descobrir seu passado que Giza se sente verdadeiramente viva e capaz de construir sua identidade com base nas experiências que viveu e nas novas experiências que irá vivenciar, escolhendo seu próprio caminho.

Para isso, a obra utiliza uma mistura de elementos do real e do fantástico, refletindo a complexidade das relações humanas, culturais e espirituais. Essa combinação convida o leitor a refletir sobre sua própria existência.

Assim, *A filha das flores* desafia-nos a questionar nossas próprias crenças, identidades e limites. Não só isso, mas também reafirma a literatura como um espaço de diálogo, transformação e descoberta do ser, estimulando-nos a refletir sobre a liberdade, a construção do sujeito e a importância de conhecer a si mesmo.

## Conflitos de interesse

Os autores declaram que não há conflitos de interesse potencial com relação à pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.

## Referências

ACIOLI, Socorro. **A cabeça do santo**. 1. ed. Editora Companhia das Letras, 2014.

CORRADIN, Flavia Maria. O eterno mito inesiano redivivo no além-mar. **Bianca do Rocio Vogler Afonso da Maia: uma personagem de tragédia grega no romance de**, p. 103-114. Disponível em: <https://academiamtdeletras.com>.

- br/images/conteudo-dos-academicos/olga\_castrillon-mendes/pdf/pelos\_mares-olga-aspectos\_do\_romance\_contemporaneo\_em\_mt.pdf#page=99. Acesso em: 28 ago. 2024.
- DAFLON, Claudete. Poetas travessos: as muitas vias entre poesia e música. **SOLETRAS**, n. 25, p. 92-107, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/6262>. Acesso em 26 ago. 2024.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologias de pesquisa em Literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.
- FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. **Alice e Penélope na ficção portuguesa contemporânea**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, v. 1006, p. 161-193, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/6pHDT68qmxTtHcN4x3ZZKkv/>. Acesso em 25 ago. 2024.
- FONTELLAS, Venerson Cardoso Capuano; FONTELLAS, Verena Cabral Capuano. Gastronomia e Literatura: Machado de Assis à Mesa. In: **Anais do 4º Encontro de Pesquisa em Gastronomia do Brasil**. Anais... Fortaleza (CE), UFC, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/ENPEGASTRO2024/805974-GASTRONOMIA-E-LITERATURA--MACHADO-DE-ASSIS-A-MESA>. Acesso em: 01/09/2024
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. A Literatura Fantástica: Gênero ou Modo? **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, [S. l.], v. 26, p. 18–31, 2013. DOI: 10.5433/1678-2054.2013v26p18. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/25158>. Acesso em: 16 ago. 2024.
- GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, n. 1, p. 44-45, 2002. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38881088/como\\_classificar\\_pesquisas-libre.pdf?1443122076=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCOMO\\_CLASSIFICAR\\_AS\\_PESQUISAS\\_1.qditOvCvpxLlery735SuhLMdjwWuJ5Uw2je1P3971qUG7SeMIEldCY31SQXqJvVCmXds0nyZarfevpTjGoP1azH9YPotem93X~6pOtJlq1Z7PxjEdJapiG2KjwdNPlreJDe6K9eYQMUG-vW1GW0xAgYa-5nLHLVpMwpTaJMWdKEMxICIUL9jd85-S6RnMNOPU-IlfxhWGn4T~j9OCANdZQLc7wStEcjxmNPY2H5srOJLviWQD54iyTwPIC01e5Z8VdyahzZbWU2RQSD03MiyUurRT41rTwKH1ExOhykOMoAmABiKmOf-CGBYw~xl3wm1lIFBKfHyw\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38881088/como_classificar_pesquisas-libre.pdf?1443122076=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DCOMO_CLASSIFICAR_AS_PESQUISAS_1.qditOvCvpxLlery735SuhLMdjwWuJ5Uw2je1P3971qUG7SeMIEldCY31SQXqJvVCmXds0nyZarfevpTjGoP1azH9YPotem93X~6pOtJlq1Z7PxjEdJapiG2KjwdNPlreJDe6K9eYQMUG-vW1GW0xAgYa-5nLHLVpMwpTaJMWdKEMxICIUL9jd85-S6RnMNOPU-IlfxhWGn4T~j9OCANdZQLc7wStEcjxmNPY2H5srOJLviWQD54iyTwPIC01e5Z8VdyahzZbWU2RQSD03MiyUurRT41rTwKH1ExOhykOMoAmABiKmOf-CGBYw~xl3wm1lIFBKfHyw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 27 ago. 2024.
- GINZBURG, Jaime. Estética da morte. **Rev. Gragoatá**, Niterói, n. 31, p. 51-61, 2. sem. 2011.
- LACERDA, Maíra Gonçalves; FARBIARZ, Jackeline Lima. Literatura para crianças e jovens: uma leitura multimodal do objeto-livro, p. 11-25. In: **Anais do V Simpósio sobre o Livro Didático de Língua Materna e Língua Estrangeira & do IV Simpósio sobre Materiais e Recursos Didáticos**, v. 2, n. 6. São Paulo: Blucher, 2016. ISSN 2318-6968. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/literatura-para-crianas-e-jovens-uma-leitura-multimodal-do-objeto-livro-22568>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- MACHADO, Alleid Ribeiro. Caminhos de transformação e ruptura em Colheita de Nelida Piñon. **Revista Graphos**, v. 14, n. 2, UFPB/PPGL, 2012.
- MADEIROS, Jose Eider. O cotidiano dionisíaco de giza e o feminismo em equilíbrio prosaico em 'A filha das flores' de Vanessa da mata. P.222-228. In: **II Jornada Gênero E Literatura**. João Pessoa, PB. 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Eide-Madeiros/publication/336474276\\_O\\_COTIDIANO\\_DIONISIACO\\_DE\\_GIZA\\_E\\_O\\_FEMINISMO\\_EM\\_EQUILIBRIO\\_PROSAICO\\_EM\\_%27A\\_FILHA\\_DAS\\_FLORES%27\\_DE\\_VANESSA\\_DA\\_MATA/links/5f2207b1299bf134049261a3/O-COTIDIANO-DIONISIACO-DE-GIZA-E-O-FEMINISMO-EM-EQUILIBRIO-PROSAICO-EM-A-FILHA-DAS-FLORES-DE-VANESSA-DA-MATA.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Eide-Madeiros/publication/336474276_O_COTIDIANO_DIONISIACO_DE_GIZA_E_O_FEMINISMO_EM_EQUILIBRIO_PROSAICO_EM_%27A_FILHA_DAS_FLORES%27_DE_VANESSA_DA_MATA/links/5f2207b1299bf134049261a3/O-COTIDIANO-DIONISIACO-DE-GIZA-E-O-FEMINISMO-EM-EQUILIBRIO-PROSAICO-EM-A-FILHA-DAS-FLORES-DE-VANESSA-DA-MATA.pdf). Acesso em 16 ago. 2024.
- MATA, Vanessa da. **A filha das flores**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MATA, Vanessa da. **Não Me Deixe Só**. Intérprete: Vanessa da Mata; Compositor: MATA, Vanessa da; In: Vanessa da Mata; Local: Rio de Janeiro – RJ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/vanessa-da-mata/72154/>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.
- PESSOA, Fernando. **Heróstrato e a busca da imortalidade**. São Paulo: Assírio & Alvim, 2000.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SCLIAR, Moacyr. **A mulher que escreveu a Bíblia** Editora Companhia das Letras, 2007.

